

(GT 6. Diversidade e Educação)

## Conversas com as juventudes, a partir da série Sex Education

André Luiz Bernardo Storino <sup>1</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

Este artigo faz parte de uma tese em andamento, cuja conversa se configura como metodologia com jovens de uma escola pública de Ensino Médio, 4º Distrito do Município de Duque de Caxias/RJ. A partir da série Sex Education, sobrevoando as temáticas das juventudes, do gênero e das sexualidades. Assim, como suas correlações com o campo da educação, a partir das narrativas contra hegemônicas.

Buscamos investigar como a série dialoga com o cotidiano das/dos discentes, ainda que em uma lógica hollywoodiana (Giroux, 1995), a partir das possibilidades constituída pelas plataformas de *streaming*, cuja independência permite explorar mais e explicitamente algumas temáticas pouco desenvolvidas e exibidas pelos canais abertos de televisão no que tange as questões de gênero e sexualidade e os atravessamentos com as juventudes.

Evidência que se constata não só pelo número de produções no catálogo, também pela forma de abordagem dos temas e conteúdos. O segundo, e menos explícito, é a percepção e recepção dessas representações e performatividade como mecanismos que perpassam a produção e constituição da subjetividade de quem as assiste. Se as utilizam nos enfrentamentos das investidas preconceituosas e discriminatórias que ocorrem no espaço e ambiente escolar e como as acionam enquanto dispositivo de empoderamento frente às estruturas de um ambiente escolar cisheteronormativo.

### 2. JUSTIFICATIVA

Seja na constituição das séries, seja no como discentes as tomam, ambas as perspectivas nos interessam e são questões sensíveis a esse trabalho, pois tentar

---

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

perceber se há relação entre a produção da subjetividade, perpassada por representações (Hall, 2015) a configurar-se em performatividades (Butler, 2015), que (re) arranjam corpos e modos de existir nesses artefatos culturais, e como reverberam nas vivências do cotidiano escolar.

Da mesma forma, investigar como esses artefatos culturais ensejam frestas dialógicas que nos colocam em caminhos de outra educação, que não abdicam da relação direta de uma sala de aula, mas que cria uma ponte entre o conteúdo desta e as diversas e múltiplas agências que a vida nos impõe (inter)subjetivamente, como mecanismos políticos-ético-estético-pedagógicos, nas relações construídas com a educação, no tocante ao gênero, às sexualidades, às diferenças, às identidades e às representações.

Perseguimos alguns questionamentos para pensar como as representações dissidentes de gênero e sexualidade dialogam, contra argumentam e agenciam a despeito da lógica cisheteronormativa. Seguimos tentando conversar com as juventudes que as consome diariamente, por vezes, em eufóricas “maratonas” diante das telas (celular, tablet, computador ou televisão). O que buscam lá? Que tipo de conhecimento traz que a escola negligencia, camufla e/ou nega? Que escapa das nossas práticas? Que sugere fendas, mas que temos receio de entrar? Ou que já estão lá postos, isto é, “múltiplos saberes que transitam em suas salas de aula, trazidos pelos diferentes sujeitos que constituem a vida escolar” (Esteban, 2019, p. 172).

### 3. OBJETIVO

Essas interpelações têm nos conduzido à investigação de uma realidade em movimento, de experiências singulares, por isso algumas intenções constituem-se como balizas desse percurso, uma ampla e geral, que é: cartografar as representações sobre gênero, sexualidades e juventudes na Série Sex Education direcionadas à juventude e em que as tramas se passam, sobretudo, no espaço e na perspectiva de alunas/os de uma escola.

### 4. METODOLOGIA

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Construímos nosso percurso cartograficamente, uma vez que entendemos que a cartografia é uma possibilidade metodológica que opera sob a perspectiva, cuja a produção do real não advém de uma concepção ontológica do sujeito e nem do espaço, ambos não são tomadas dicotomicamente, mas que, ao mesmo tempo, não se fundem em um só. Ela abdica da compreensão de uma metafísica dual entre sujeito e objeto, entre espaço e quem o habita. Parte, antes e sobretudo, do vislumbre de que os corpos que o habitam, habitam-no produzindo, tateando os espaços ao mesmo tempo em que também se produzem a si e produzem-se por meio deles (Deleuze, 1992, 1995; Rolnik, 1989).

Processo que pode ser pensado como um habitar ou acontecimento, ou como uma irrupção de uma singularidade quando se trata de olhar a história (neste caso, aqui reduzimos a estória de cada pessoa), conforme apontado por Irene De Arruda Ribeiro Cardoso, ao demonstrar como Foucault toma a noção de acontecimento: “Foucault entende o acontecimento como a irrupção de uma singularidade única e aguda, no lugar e no momento de sua produção” (1995, p.55).

Assim, chegar a Sex Education, deu-se após uma filtragem das séries mais indicadas por site que apresentam conteúdo para a juventudes, um segundo filtro foi a aplicação de um questionário nas turmas e nas conversas em sala, pátio e demais espaços da escola e fora dele, então chegamos a defini-la como a série a qual seria aponte entre nós. Então, conversamos e continuamos a conversar em diferentes espaços e foram se estendendo para além dos muros da escola e ultrapassando seu tempo regulamentado, pois as/os participantes desse processo começaram em 2023, ainda estudantes do terceiro ano do ensino médio, e em 2024, ex-alunas/os que voltam à escola para dar prosseguimento às conversas sobre a série, sobre o que pensam e sobre si mesmas/os em um Grupo de Exibição e Conversa. Este é um momento em que assistimos e conversamos sobre alguns episódios.

Conversas se deram em sala de aula, no pátio da escola, no transporte em dois passeios escolares, ao assistir às exposições, no restaurante, na rua... Nesse sentido, é importante salientar que os espaços da produção dos dados dessa pesquisa considera o dentro e fora, antes e depois, da escola como lugares habitados pelas/os participantes, por isso se vale do reconhecimento atento, no qual é

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

elaborado no próprio caminhar e permite “(...) a própria criação do território de observação (Kastrup, 2014, p. 45)”.

## 5. RESULTADOS

A pesquisa, ainda em curso, traz algumas possibilidades que essas experiências nos tem deixado ver em relação à utilização das séries para as discussões sobre identidade de gênero e sexualidades, tais como: o acesso a esse conteúdo de forma solitária, os interesses com a temática cada vez mais buscado pelas juventudes em seus grupos a depender das avaliações positivas que se tem, a identificação com personagens que dialogam diretamente com as suas identidades de gênero e sexual. Assim como permitir as discussões mais abertamente sobre orientação sexual, sexo, empoderamento, dentre outros temas sensíveis a elas e eles enquanto jovens.

Questões que foram aparecendo nas conversas indicam como a família, a escola e as amizades são pontos fundamentais que temos nos debruçados para saborear o que temos falado em grupo. A amizade na escola, e para além dela, como imprescindível para lhe dar com as questões de descoberta de si, enfrentamento das violência e construção de estratégia de luta no ambiente escolar. A escola como lugar seguro em relação às vivências na família. Uma escola em que se pode ser o que se é, ainda que enfrentando violências, mas ainda sim é porto seguro, pois estão em grupos que se autoprotegem.

## 6. CONCLUSÃO

A pesquisa vem se valendo da conversar para cartografar ao mesmo tempo, em que cartografa conversando, conversa com as juventudes, a partir dos seus interesses e atravessamentos, no que tange as questões de gênero e sexualidades. Tem percebido que o diálogo que elas e eles estabelecem com a série e suas narrativas compõem e se configuram como mecanismos desenvolvidos para os enfrentamentos dos processos de normatização e normalização que enfrentam diariamente.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

## 7. REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. (col. Sujeito e História).

CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. Foucault e a noção de acontecimento. **Tempo Social**, [S. l.], v. 7, n. 1/2, p. 53-66, 1995. DOI: 10.1590/ts.v7i1/2.85206. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/85206>. Acesso em: 21 ago. 2023.

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992. (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1**. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (Coleção TRANS)

ESTEBAN, M. T. Diálogos sobre formação docente comprometida com uma escola pública popular. **Série-Estudos** - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, [S. l.], v. 20, n. 52, p. 171–192, 2019. DOI:10.20435/serie-estudos.v20i52.1355. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1355>. Acesso em: 27 jun. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In.: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.